

Relatório #44 – Eleições, Ômicron e alta dos juros: o que esperar da Bolsa em 2022?

29 de dezembro de 2021

Olá, investidor!

Como vai?

Sumário

No relatório de hoje, o último de 2021, falarei sobre a perspectiva para o mercado brasileiro no próximo ano, abordando os desafios e as oportunidades que devem se apresentar nesse período que promete ser de alta volatilidade para a Bolsa.

Boa leitura!

Um desafio chamado Brasil

Levando em consideração apenas os resultados corporativos, um investidor que não estivesse ciente do contexto macroeconômico brasileiro poderia concluir que 2021 foi bastante positivo para a Bolsa. Olhando para os preços das ações brasileiras neste final de ano, esse mesmo investidor provavelmente assumiria que a maioria das empresas listadas na B3 estão muito baratas, e que seria loucura não entrar de cabeça nesse mercado.

Entretanto, ao observar o cenário macro, esse investidor logo entenderia o motivo dos preços baixos e da cautela do mercado. Com a perspectiva de eleições polarizadas, juros altos, deterioração da situação fiscal e inflação no teto da meta, o Brasil não deve ser o mercado mais convidativo do mundo em 2022.

Todavia, esse cenário conturbado nos remete à velha máxima do mundo dos investimentos: quanto maior o risco, maior o potencial de retorno. Isso não quer dizer que 2022 será um ano de desempenho extraordinário para a Bolsa brasileira, mas significa que muitas ações podem oferecer um bom retorno, tendo em vista que as quedas de preços recentes (em sua maioria) não foram acompanhadas de baixos resultados operacionais.

Sendo assim, irei me debruçar sobre esses riscos, para explicar como cada um deles pode afetar os seus investimentos.

Sai pandemia, entram eleições

A pandemia do coronavírus ainda é um fator preocupante para os mercados, mas diante da vacinação avançada no Brasil, e tendo em mente que houve

uma adaptação a algumas mudanças de hábitos provocadas pela crise sanitária, não há mais motivos para pânico.

Passado o momento mais crítico da crise sanitária, e vislumbrando a possibilidade de reabertura plena da economia em 2022, os investidores brasileiros se deparam com um novo fenômeno que promete chacoalhar os mercados no próximo ano: as eleições presidenciais.

Períodos de eleição no Brasil tendem a ser marcados pela alta volatilidade dos mercados, pela fragilidade fiscal e pela necessidade de aprovação das reformas voltadas à redução do déficit das contas públicas. Esses devem ser os temas de maior atenção por parte dos investidores ao analisar os discursos dos presidenciáveis.

Outro fator para se levar em consideração é o aumento do número de investidores pessoa física na Bolsa, observado desde as últimas eleições. Com muitos “marinheiros de primeira viagem”, os solavancos do período eleitoral podem ser ainda mais fortes do que nas últimas eleições. De acordo com dados da B3, os investidores pessoa física na Bolsa eram 814 mil em 2018, número que saltou para 3,8 milhões em 2021.

Ainda assim, pouco se sabe sobre as propostas dos principais candidatos à presidência para a economia brasileira, o que torna difícil fazer projeções para o mercado em 2023. Com a aproximação do período eleitoral, os projetos devem ficar mais claros, permitindo que os investidores calculem os riscos e as oportunidades trazidas por cada resultado possível nas urnas.

Juros em alta e não só no Brasil

Outro fator que tem levado os investidores a agirem com mais cautela é a perspectiva de alta dos juros. E essa alta não se restringe ao Brasil, onde a Selic atingiu o patamar de 9,25% ao ano, mas já é observada nos países desenvolvidos também.

O *Bank of England* (BoE, o banco central do Reino Unido) surpreendeu o mercado em sua última reunião de política monetária e elevou a taxa básica de juros de 0,10% para 0,25% ao ano.

De olho na alta persistente da inflação, o *Federal Reserve* (Fed) acelerou o ritmo da redução das compras de títulos públicos no país, e cogita antecipar o início da alta dos juros, que se encontram atualmente no patamar entre 0% e 0,25% ao ano. Mais cauteloso, o Banco Central Europeu (BCE) anunciou o início da redução do ritmo de compra de títulos públicos, mas manteve as taxas de juros próximas de 0% ao ano.

Mas o que essa tendência global de alta dos juros sinaliza para 2022?

Primeiramente, com taxas de juros mais altas, espera-se um movimento natural de migração de investimentos da renda variável para a renda fixa. Isso quer dizer que os investidores devem se revelar menos propensos ao investimento em ações, especialmente em setores de crescimento, como os de tecnologia, e mais propensos ao investimento em ativos considerados de menor risco, como títulos públicos ou Certificados de Depósito Bancário (CDBs).

Em adição a isso, a elevação dos juros tende a tornar o crédito mais caro e escasso, podendo frear o crescimento de setores da economia global que possuem uma dependência maior de crédito para financiar suas operações.

Por fim, juros mais altos são frequentemente associados à desaceleração do consumo, motivo pelo qual as projeções de uma alta mais vertiginosa da Selic têm sido acompanhadas pela redução das estimativas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro.

Entretanto, a expectativa do mercado é de que o Banco Central siga elevando a Selic durante o primeiro semestre do próximo ano, até chegar ao pico estimado pelo mercado entre 11% e 12% ao ano. Com uma resposta positiva da inflação durante os primeiros meses do ano, é possível esperar cortes nos juros ainda em 2022.

O que esperar das commodities?

O principal destaque da Bolsa brasileira em 2021 foi o setor de commodities, especialmente Petrobras (PETR4) e Vale (Vale3), que surfaram a alta dos preços do minério de ferro e do petróleo e reportaram lucros bilionários.

Para 2022, entretanto, o cenário é incerto. Especialistas avaliam que os preços do petróleo ainda podem subir no próximo ano, a depender do ritmo da recuperação econômica global, mas a tendência para o minério de ferro é de queda.

Com a crise do setor imobiliário chinês e a queda da demanda por aço no país, que é o maior consumidor de minério de ferro do planeta, a Vale deve ter dificuldade para repetir os bons resultados financeiros de 2021.

Já a Petrobras deve manter os bons resultados no próximo ano, pagando dividendos generosos aos seus acionistas e dando continuidade à agenda de desinvestimentos da companhia, que vem se desfazendo de uma série de ativos para focar seus esforços na exploração de petróleo na camada pré-sal.

Porém, com as eleições presidenciais no radar e o fantasma da gestão petista na petrolífera voltando a incomodar os investidores, 2022 promete ser bastante volátil para as ações da estatal.

Ômicron e a retomada econômica

Com a vacinação em estágio avançado em grande parte do planeta, inclusive no Brasil, a expectativa era de que 2022 começaria em ritmo de reabertura econômica e normalização das cadeias produtivas globais. Todavia, a descoberta da variante Ômicron do coronavírus, identificada no sul do continente africano, postergou a retomada plena da economia mundial, e trouxe uma série de incertezas para os mercados acionários mundo afora.

A nova cepa tem se mostrado mais resistente às vacinas disponíveis do que as demais, e segue se disseminando pelo planeta. Por outro lado, as pessoas infectadas pela Ômicron têm desenvolvido sintomas mais leves do que aquelas contaminadas pelas outras variantes, o que levanta um debate acerca da possibilidade de o vírus estar se adaptando para se tornar mais transmissível e menos letal.

Sendo assim, antes de sucumbir ao pânico ou de se entregar à euforia, o melhor a se fazer é esperar por mais informações sobre a variante, para, então, avaliar o rumo de seus investimentos.

O rumo incerto do Ibovespa

Apesar da perspectiva de cenário político agitado, aperto monetário global e temor com o coronavírus, o mercado ainda vê espaço para uma alta do Ibovespa em 2022.

Ações de muitos setores que tiveram seus modelos de negócios prejudicados pela pandemia do coronavírus foram severamente penalizadas pelos investidores, e muitas empresas que compõem o índice estão sendo negociadas a preços baixos com relação aos resultados entregues.

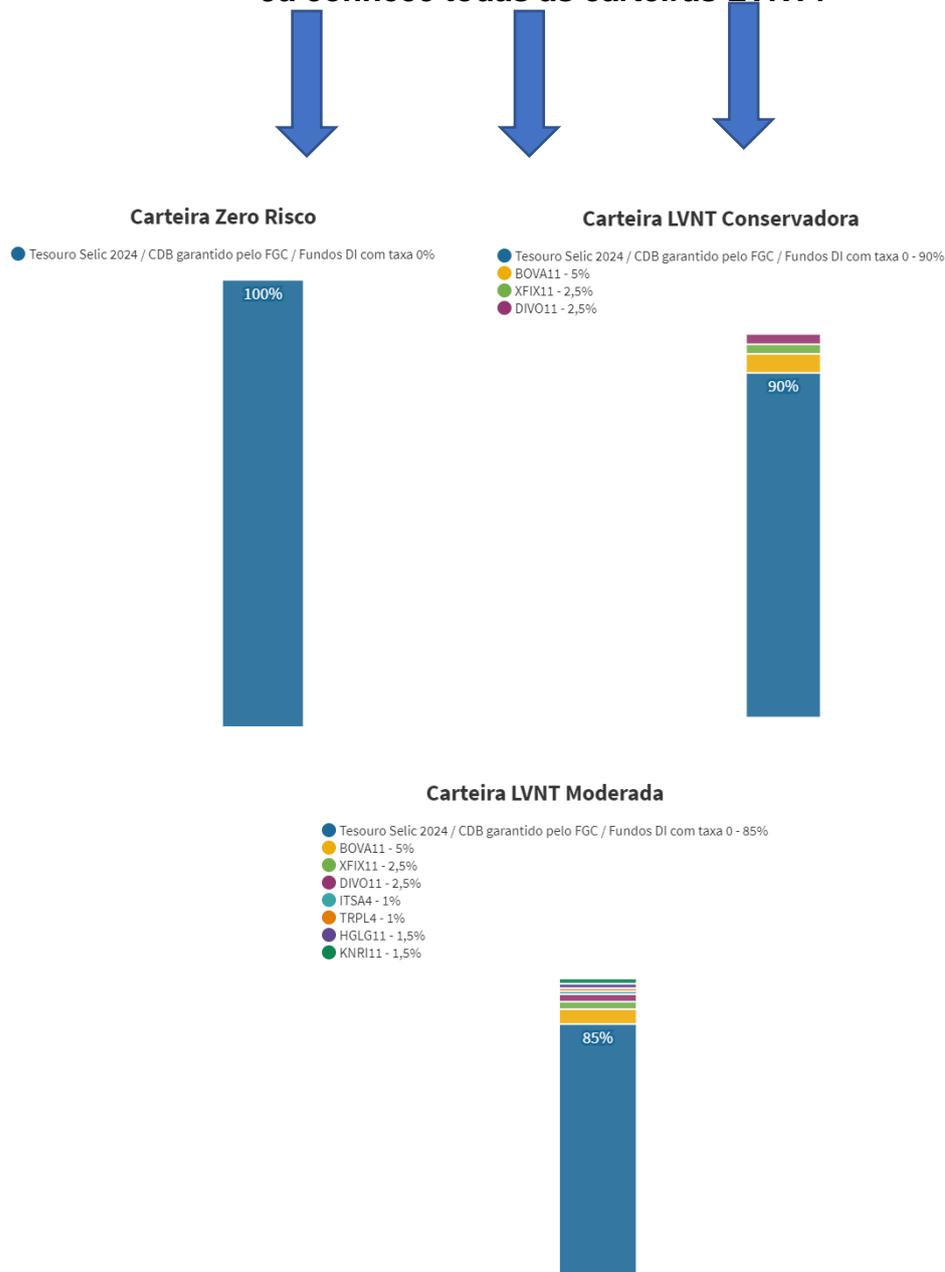
Diante dessa conjuntura, é difícil fazer qualquer tipo de previsão para o desempenho da Bolsa em um ano que promete ser tão agitado e com tantos desfechos negativos quanto positivos, que devem estar no radar de todos os investidores, razão pela qual a diversificação dos investimentos será fundamental nesse período.

Conclusão

As eleições devem ditar os rumos do mercado no próximo ano, mas ainda se tem poucas informações sobre as propostas dos principais candidatos. É cedo para tentar antecipar os resultados das urnas.

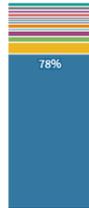
Espera-se que 2022 seja um ano de altos e baixos para a Bolsa, e há muitas oportunidades que se apresentam em cenários como esse. Porém, para navegar pelas águas agitadas do mercado brasileiro em meio às eleições, o investidor precisa ter pulso firme e uma boa estratégia de investimento à qual se agarrar, para não ser arrastado pela correnteza nos momentos de pânico.

Já conhece todas as carteiras LVNT?



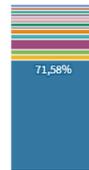
Carteira LVNT Arrojada

- Tesouro Selic 2024 / CDB garantido pelo FGC / Fundos DI com taxa 0 - 78%
- BOVA11 - 5%
- XFIX11 - 2,5%
- DIVO11 - 2,5%
- RAIZ4 1%
- VAI3 2%
- VALE3 1%
- ITSA4 - 1%
- TRPL4 - 1%
- XPML11 1,5%
- TEPP11 1,5%
- HGLG11 - 1,5%
- KNRI11 - 1,5%



Carteira LVNT Arrojada Plus

- Tesouro Selic 2024 / CDB garantido pelo FGC / Fundos DI com taxa 0 - 68%
- IVVB11 2,5%
- XINA11 2,5%
- BOVA11 - 5%
- XFIX11 - 2,5%
- DIVO11 - 2,5%
- RAIZ4 1%
- VAI3 2%
- VALE3 1%
- ITSA4 - 1%
- TRPL4 - 1%
- XPML11 1,5%
- TEPP11 1,5%
- HGLG11 - 1,5%
- KNRI11 - 1,5%



Por hoje é isso e até a próxima!

Felipe Bevilacqua.

DISCLAIMER

Este material foi elaborado exclusivamente pela Levante Ideias de Investimos e pelo analista Felipe Bevilacqua (sem qualquer participação do Grupo UOL) e tem como objetivo fornecer informações que possam auxiliar o investidor a tomar decisão de investimento, não constituindo qualquer tipo de oferta de valor mobiliário ou promessa de retorno financeiro e/ou isenção de risco. Os valores mobiliários, discutidos neste material, podem não ser adequados para todos os perfis de investidores que, antes de qualquer decisão, deverão realizar o processo de *suitability* para a identificação dos produtos adequados ao seu perfil de risco. Os investidores que desejem adquirir ou negociar os valores mobiliários cobertos por este material devem obter informações pertinentes para formar a sua própria decisão de investimento. A rentabilidade de produtos financeiros pode apresentar variações e seu preço pode aumentar ou diminuir, podendo resultar em significativas perdas patrimoniais. Os desempenhos anteriores não são indicativos de resultados futuros.